

# Minas Gerais: índio bom é índio morto

BELO HORIZONTE (SUCURSAL) — Como as tribos do resto do País, os índios de Minas também sofreram com a barbárie da colonização. Num trabalho exposto aos alunos da Universidade Católica de Minas Gerais, a professora Sônia Almeida Marcatto, da Universidade Federal de Juiz de Fora, procura contrapor a verdadeira história dos índios mineiros à história contada sob o ponto de vista da Sociedade Colonizadora: "Um decalque dos filmes de bang-bang americanos ou algo semelhante é o que nós e nossas crianças aprendemos sobre os índios brasileiros", diz Sônia.

"As nações colonizadoras, continua, costumam escrever a História dos povos colonizados sob uma ótica capaz de justificar os meios empregados para alcançarem os fins a que se propõem". Dessa forma, a historiografia oficial procura refletir o desejo do Poder. Visto que os indígenas não têm condições de relatar sua história a não ser por via oral, a história dos mesmos é feita pelo colonizador, e assim "a documentação correlata nada mais é do que o reflexo da cosmovisão do colonizador — o documento não reflete o pensamento do colonizado. E, em se tratando de papéis oficiais, mostram apenas em muitos casos, aquilo que se quer mostrar ou se pode mostrar".

Segundo a professora, torna-se muito difícil reconstruir o passado "histórico" das comunidades indígenas pós-cabralinas, na medida em que os métodos para mascarar a verdade são múltiplos, tais como: "mentira oficial, omissão intencional e visão unilateral dos fatos relatados". Ela critica ainda as análises feitas até então, que procuram lançar mão de figuras — índios, negros, tapuias e mulatos — para explicar o contexto civilizado, mas em posição periférica, nunca como assunto central. Esse caráter de marginalidade — tanto do índio como do negro — é reforçado por conceitos tais como a bondade inata do luso-brasileiro, da democracia racial, o mito do bom senhor de escravos.

A historiadora cita como fatores negativos para o estudo do índio histórico, em Minas em particular e no Brasil em geral, "a absorção pelo português da ótica tupi, elitista em relação aos indígenas não-tupi, considerados tapuias ou bárbaros. Disto resultará os estereótipos desses grupos, marcados pela visão inicial do preconceito e do etnocentrismo".

A qualidade e quantidade de documentação, o extermínio das comunidades em prazo relativamente curto, a descaracterização eficiente das tribos e bandos, o predomínio de uma documentação oficial omissa ou falha, devido à ignorância dos homens públicos, à omissão ou mesmo à mentira oficial, são fatores que Sônia Marcatto destaca com dificuldades para a reconstrução das comunidades indígenas.

## O ÍNDIO DE MINAS

### Índios

Grande parte dos índios que habitaram Minas apresentam traços característicos como nomadismo ou nomadismo sazonal; inexistência de aldeias, e sim, sistema de acampamentos; atividades de subsistência baseadas na pesca, caça e coleta; falantes de línguas e dialetos não-tupi. Além disso está esboçada também a linha do preconceito que orientará mais tarde a elaboração do estereótipo botocudo à época de d. João: a antropofagia como hábito, característica de gente bárbara e incapaz de se adaptar à civilização.

Já no fim do século 17 os conflitos entre índios e brancos se tornaram intensos, sendo que em muitas áreas (Sul de Minas, Campos do Cataguás Vale do São Francisco) os índios foram escravizados por latifundiários paulistas e baianos. Grupos como os xacriabá foram, além de escravizados, usados para a guerra contra a tribo dos kayapó. Outras comunidades indígenas foram simplesmente expulsas de suas terras na procura incansável dos brancos por lotes e glebas auríferos.

A historiadora lembra que em Minas foram criados ainda na época do Império divisões militares empregadas na "civilização" e na repressão, todas elas dependendo da Junta da Ciliação e Conquista dos Índios Navegação do Rio Doce, sediada em Vila Rica (ano da Criação 1808, pela Carta Régia de 13 de maio). A legislação desse período pode ser responsabilizada pela exacerbção dos atos de violência contra as comunidades indígenas de Minas e pela eliminação de grande parte do contingente botocudo.

Sônia Marcatto analisa a atuação da Igreja na catequese dos índios, destacando que na primeira metade do século 20 sempre atuou ao lado do Poder. "Em vista disso — em toda a América Latina — a Igreja sufocou pela sabotagem diversos movimentos revolucionários, visto que o clero participara da composição do Poder. Assim Igreja e Estado eram os organismos de controle".

Mas a partir do Vaticano 2.º a Igreja adotou uma nova mentalidade, assumindo uma posição mais avançada pela participação do povo, ao lado dos oprimidos. Hoje, a Igreja já não se interessa tanto pela catequese pura e simples, mas prefere a evangelização sem as características da catequese tradicional.

## OS ÍNDIOS HOJE

Segundo Sônia Marcatto, os remanescentes indígenas em Minas Gerais pertencem a três grupos paenas, todos derivados do tronco linguístico macro-jê: xacriabá, krenak e maxacali. Os xacriabá são cerca de três mil; os krenak, apenas 57 indivíduos; os Maxacali, não ultrapassam a 500.

Os xacriabá e krenak são, segundo classificação de Darcy Ribeiro, índios integrados, ao passo que os maxacali se encontram em contato permanente, ou seja, e o índio que a despeito das pressões exercidas pela sociedade envolvente, mantém uma certa autonomia cultural, embora em contato direto e permanente com os nacionais.

Os xacriabá e os krenak passaram por violento processo de descaracterização cultural, pressionados por sertanistas: soldados, escravos, colonos e aventureiros. Os xacriabá além de escravizados, viveram com negros fugidos e hoje nada conservam de sua cultura original, vivendo como caboclos em comunidades sertanejas.

Os krenak foram mais duramente atingidos, pois até o princípio deste século ainda eram arredios e viviam dentro de padrões tribais específicos. Hoje, a não ser a certeza de serem índios, de saberem o quanto representa o ônus de sua indianidade consciente, pouco conservam de seu.

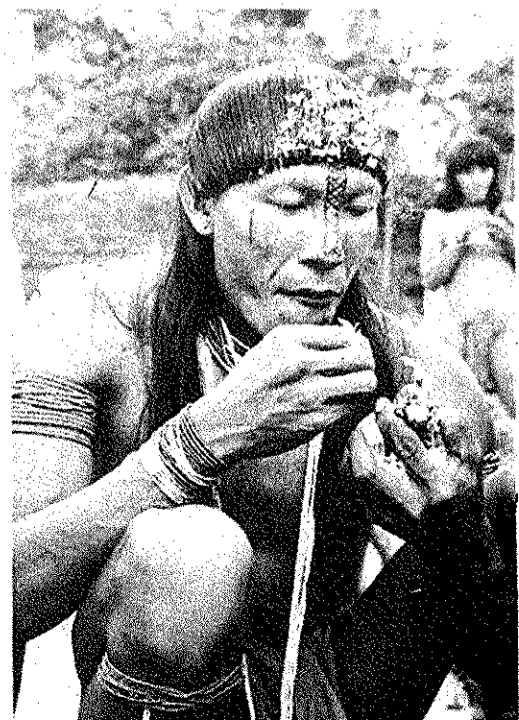
Já os maxacali, segundo Sônia, apresentam uma situação distinta: "Embora tenham convivido com frente pioneira civilizada, ao longo do século passado e sido catequizado e "civilizados" pelo missionário José Pereira Lidoiro, na primeira metade do século passado, além de vizinhos dos soldados da sétima Divisão Militar de São Miguel do Jequitinhonha é hoje um grupo tribal ciente de seus valores tradicionais e fazendo questão de ser índios. Conservam seu dialeto e parte de seus costumes. São os posseiros que vivem na área demarcada que aprendem a falar o maxacali; são as crianças civilizadas que aprendem a brincar como crianças indígenas".

Os maxacali vivem hoje no município de Bertópolis, Nordeste de Minas. Há duas aldeias — Agua Boa e Pradinho — não contíguas. Suas terras são férteis e muito cobicadas pelos latifundiários locais, que se apresentam como os maiores inimigos dos índios; no que são auxiliados pelos atravessadores de bebidas alcoólicas (às vezes, uma garrafa de cachaça chega a valer Cr\$ 100,00).

Os krenak, que mais sofreram o processo de descaracterização e de violência, por terem sido retirados de suas terras junto às margens do Rio Doce e levados para uma fazenda de solo esgotado, não tiveram condições de trabalho para subsistência. Na falta de elementos masculinos os krenak passaram a se unir a outros indígenas não-krenak, como xerente, Pankararu e fulni-ô. Hoje são apenas 57 índios, sendo que cinco vivem na cidade de Resplendor. "Desencantados com a civilização, que só os perseguia e desintegrou, estes índios que vivem em Carmésia formam hoje um grupo em franca extinção" — diz Sônia Marcatto.

Cerca de três mil xacriabá vivem no município de Itacarambi, diocese de Januária, no Norte de Minas. Praticam agricultura de subsistência — feijão, milho e mandioca — prejudicada pela falta de água na área do posto e pela estiagem. A Funaí ainda não demarcou a gleba xacriabá e eles são hostilizados pela sociedade envolvente.

"Hoje, os índios são tidos como imprevidentes e irresponsáveis, o que não corresponde à realidade. O que há é que as pressões exercidas contra eles são da mais alta violência, incluindo-se as invasões de sua lavoura, (quando suas árvores e colheitas são destruídas), roubo de seu patrimônio (madeiras de lei roubadas da reserva) e ocupação de suas terras" — conclui Sônia Marcatto.



Está surgindo uma nova História dos Índios